

Broken Windows: contribuições e limites explicativos sobre o Medo e a Percepção de Risco por violências intencionais e criminalidade em Feira de Santana/BA.

Castro Dhanyane Alves, Noronha Ceci Vilar y Lourenço Luiz Cláudio.

Cita:

Castro Dhanyane Alves, Noronha Ceci Vilar y Lourenço Luiz Cláudio (2017). *Broken Windows: contribuições e limites explicativos sobre o Medo e a Percepção de Risco por violências intencionais e criminalidade em Feira de Santana/BA. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/2286>

Broken Windows: contribuições e limites explicativos sobre o Medo e a Percepção de Risco por violências intencionais e criminalidade em Feira de Santana/BA

CASTRO, Dhanyane Alves¹
NORONHA, Ceci Vilar²
LOURENÇO, Luiz Cláudio³

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar em que medida categorias chaves da Teoria das Janelas Quebradas, Desordem Social e Desordem Física, estão associadas ao Medo e à Percepção de Risco no município de Feira de Santana/BA. Os dados utilizados foram coletados em um *survey* realizado em 2012 com amostra representativa da população de 16 e mais anos. Resultados do *survey* apontam que os níveis de Medo e de Percepção de Risco em Feira de Santana/BA são muito altos. Percebe-se isto ao observar que 70% dos entrevistados dizem se sentir inseguros ao andar nas ruas de seus bairros durante a noite e mais de 60% afirmaram saber de pessoas mortas por armas de fogo em seus locais de residência. As correlações avaliadas apontam que a Desordem Social e Desordem Física possuem poder explicativo a respeito do Medo e a Percepção de Risco no referido município. Entre as duas categorias explicativas, a Desordem Social foi a que mais explicou a Percepção de Risco. Tanto a Desordem Física quanto a Desordem Social explicaram em menor grau os níveis de Medo em Feira de Santana/BA, demonstrando a necessidade de se reavaliar a categorização, mensuração e avaliação do Medo enquanto objeto de pesquisa.

Palavras-chaves: Criminalidade, Violência, Medo, Percepção de Risco, Desordem

1 Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFBaiano. E-mail: dhanyane.castro@ifbaiano.edu.br. Brasil

2 Doutorado em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Docente na Universidade Federal da Bahia. E-mail: ceciavilar@gmail.com. Brasil.

3 Doutorado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ. Docente na Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: luiz.lourenco@uol.com.br. Brasil.

Introdução

O objetivo do artigo é investigar o quanto o Medo e a Percepção de Risco em Feira de Santana/BA são influenciados pela Desordem Social e pela Desordem Física, categorias chaves para a Teoria das Janelas Quebradas. O município de Feira de Santana vivencia sérios problemas de infraestrutura, saúde, educação, transporte, ordenamento urbano, segurança e outros mais que dificultam a vida numa metrópole no Brasil. Pode-se observar o crescimento populacional no município: em 1991 possuía cerca de 406.447 habitantes, em 2000, 480.949 moradores. Já em 2010, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), possuía 556.642 habitantes. A estimativa da população em 2017 é de 627.000 habitantes. Este crescimento tem acarretado problemas muito próximos dos que são encontrados em grandes capitais brasileiras. Alguns destes problemas estão vinculados à violência e/ou criminalidade e à sensação de insegurança pública.

Na primeira seção são apresentados os aspectos metodológicos que são centrais para compreender o trabalho. No segundo momento, apresenta-se revisão de literatura concernente a Teoria das Janelas Quebradas e aborda também a conceituação e a mensuração e dados sobre indicadores de Medo e Percepção de Risco. Na última seção, pode-se observar a análise dos resultados das Equações Estruturais, modelo de análise estatística, que possibilitaram investigar a associação entre categorias a Teoria das Janelas e o Medo e a Percepção de Risco. Em seguida são apresentadas as considerações finais.

Metodologia

Em junho de 2012 foi realizada uma Pesquisa de Vitimização na área urbana de Feira de Santana/BA. O *survey* contou uma amostra probabilística de 615 questionários com margem de erro em 4% e intervalo de confiança de 95%. O *survey* teve o objetivo de levantar dados sobre vitimização, insegurança, medo, percepção de risco, avaliação das instituições de segurança pública, bem como valores, atitudes, hábitos e práticas dos feirenses relacionados à violência e criminalidade.

O cálculo amostral indicou que 601 questionários fossem aplicados, contudo trabalhou-se com a amostra de 615 questionários. O tipo de amostragem utilizado foi a de múltiplos estágios, em que o primeiro estágio dizia respeito à definição dos bairros, o segundo à seleção dos domicílios e o terceiro à seleção dos entrevistados. Decidiu-se que todos os bairros da área urbana, como constam na planilha de endereços para fins estatísticos do censo do IBGE referente a 2010, teriam representação na amostra.

Na elaboração e validação dos indicadores/constructos independentes e dependentes foi utilizada análise dos dados e resultados do *survey* foram criados e validados indicadores/constructos

que passaram a representar os itens da teoria das Janelas Quebradas (Desordem Social e Desordem Física) e das variáveis respostas a serem examinadas: o Medo e a Percepção de Risco. Para exame dos dados e resultados foi ajustado e analisado o modelo de equações estruturais utilizando a abordagem PLS (Partial Least Square).

É bastante comum verificar a presença de investigação de categorias da Teoria das Janelas Quebradas (Broken Windows) nos instrumentos de mensuração e análise de pesquisas de vitimização que são realizadas. A próxima seção será dedicada à revisão de literatura dos fundamentos teóricos da teoria das Janelas Quebras; e de algumas reflexões críticas apresentadas por pesquisadores que encontraram problemas e/ou fizerem necessários aperfeiçoamentos, tanto à referida teoria quanto à sua aplicabilidade nas pesquisas empíricas que investigam a relação entre a desordem social e física com a criminalidade, a violência, percepção de risco, insegurança e medo.

Broken Windows na ramificação das teorias sobre as incivildades

A teoria das Janelas Quebradas se tornou parte das referências para enfrentar altas taxas de violência e criminalidade em grandes cidades norte-americanas. Aliás, pode-se afirmar que antes de se fortalecer como centro de discussões e críticas no interior da academia, a teoria das Janelas Quebradas se consolidou como conceito orientador de práticas de policiamento na área de políticas públicas de segurança. Esta realidade foi e ainda é um instigante campo de estudo para os pesquisadores da academia (SKOGAN, 2012; KELLING, 1997; TAYLOR, 2003).

A teoria das Janelas Quebradas leva em consideração a tese da incivildade para compreender uma série de fenômenos sociais, especialmente, àqueles ligados à vida urbana nas grandes cidades e metrópoles (Taylor, 2003). No caso da Teoria das Janelas Quebradas, o fenômeno em questão é a criminalidade e violência, estendendo-se para seus correlatos, como o medo, a insegurança, a percepção de risco dentre outros. É notório que não há consensos e sim pontos de partida e chegadas diferentes quanto à relação teoria e prática face à hipótese de que a incivildade explicaria a criminalidade e a violência, bem como suas extensões.

Wilson (1975) e Garofalo e Lauber (1978) investigaram as razões pelas quais pessoas que residiam nas áreas urbanas sentiam medo. Eles chegaram à conclusão de que não eram apenas a ocorrência ou a possibilidade de ocorrência de crimes que acometiam as pessoas, mas situações e condições urbanas consideradas “desordenadas”, como: a presença de mendigos, adolescentes barulhentos, lixo acumulado nas ruas, pichação e residências abandonadas ou mal cuidadas. Wilson (1975) chegou a falar que haveria um mal estar urbano. Ou seja, as condições urbanas degradadas e não o crime em si seria fonte do medo nas metrópoles norte-americanas. A preocupação em diferenciar o medo do crime da ocorrência do crime ganhou contornos empíricos a partir da primeira Pesquisa Nacional de Vitimização, realizada nos Estados Unidos, que apontava nessa direção (Taylor,

2003). Conforme afirma Taylor (2003), aqui já não se encontra uma tentativa clara e explícita de se separar e discutir as causas da incivilidade e do crime e suas respectivas ligações com as taxas de crime e de medo. O que há é uma verificação de que as taxas do medo são maiores do que as observadas nas ocorrências de crime e que, portanto, deve haver alguma separação entre esses fenômenos.

Hunter (1978) atentou mais no que ocorria na dinâmica comunitária para entender como a incivilidade e a desordem influenciavam a dimensão do medo entre os moradores. Os processos psicológicos são necessariamente levados em consideração, contudo, há um modelo elaborado que indica o impacto mútuo entre as taxas de criminalidade e a incivilidade/desordem. Comunidades com alta frequência de sinais de incivilidade possuem, concomitantemente, altas taxas de criminalidade. Na hipótese de incivilidade de Hunter (1978), a desordem influenciaria os sinais de incivilidades e os crimes (que mutuamente se influenciam), que, por sua vez, atuariam sobre o medo sentido pelos moradores.

Wilson e Kelling (1982) tornaram-se referência quando o tema abrange criminalidade, medo do crime e análises sobre formas de policiamento, especialmente, do tipo comunitário. Os autores fortalecem uma perspectiva temporal do que aconteceria na dinâmica do bairro dados os altos níveis de incivilidades físicas e sociais. As janelas quebradas em si não seria o problema, mas o tempo em que a janela permanece quebrada, seria indicador de que o controle social informal do bairro está baixo. Dessa maneira, gera o entendimento, entre os que promovem a desordem e o crime, que não há quem cuide e zele pelo espaço. Pessoas que cometem crimes entendem que a comunidade não é organizada socialmente. Os moradores tenderão a usar cada vez menos o espaço público ou intervir em situações desordenadas. A população se sentirá cada vez mais insegura quanto à vizinhança. Para os infratores “leves” do local, como adolescentes que picham muros e provocam transeuntes, as incivilidades ao longo do tempo potencializam as chances da delinquência. Os pesquisadores declararam que infratores que cometem crimes mais graves se fixarão nessa vizinhança, em que há algum tempo, devido às incivilidades físicas e sociais, o controle social informal é baixo, possibilitando o aumento da ocorrência de crimes leves e pesados. Nestas circunstâncias, as taxas de criminalidade e o sentimento de medo se tornam muito altos (TAYLOR, 2003).

Destaca-se que manter a ordem pública, para os autores da Teoria das Janelas Quebradas significa fazer com que as incivilidades sociais e físicas estejam sob controle contínuo da sociedade e das instituições policiais.

Skogan (1990) investiga como a incivilidade influencia o crime e o medo nas vizinhanças. Esse pesquisador é apresentado por Taylor (2003), entre os supracitados, como aquele que mais enfatiza a dinâmica comunitária para o entendimento das incivilidades e crimes. Skogan (1990, p.70) argumenta que a desordem é um importante fator no declínio urbano dos bairros. Desordem para ele

“reflects the inability of communities to mobilize resources to deal with urban woes. The distribution of disorder thus mirrors the larger pattern of structured inequality that makes innercity neighborhoods vulnerable to all manner of threats to the health and safety of their residents”. A desordem teria duas causas, a desorganização social e a desigualdade entre os bairros no tecido urbano. As consequências das incivildades físicas e sociais levaram ao declínio dos bairros. Os bairros declinam dadas as incivildades físicas e sociais que minam o controle social informal, instigam a preocupação com a segurança da vizinhança e solapam a estabilidade dos preços do mercado imobiliário.

A linha traçada por Taylor (2003) descreve, via diferentes pesquisadores, como a produção de conhecimento envolvendo incivildades passa pela atenção dada ao medo, sob a ênfase de aspectos psicológicos, depois pelas dinâmicas sociais e físicas das ruas e, em sequência, pelo declínio físico de uma vizinhança urbana.

Um dos elementos principais para se observar e mensurar desordem social nos bairros é a existência e relação entre o policiamento e a comunidade, já que a instituição policial assume relevância estratégica para a manutenção da ordem nos espaços coletivos (KELLING, 1997; WILSON e KELLING, 1982). Por isso foram inseridas questões que indicassem características dessa relação no estudo em tela. Apenas 3,7% dos entrevistados afirmaram ser “ótimo” o policiamento a pé, em viatura ou moto em seus bairros. Dos entrevistados, 18% disseram não ter policiamento em seus bairros e 57,4% avaliaram tal serviço como regular ou ruim.

No que diz respeito às respostas referentes à confiança que as pessoas dos bairros têm nas polícias Civil e Militar. As opções “confia muito” e “confia” foram responsáveis por 66,8% das respostas em relação Polícia Civil. Já com relação à confiança na Polícia Militar, o percentual foi menor das pessoas que “confiam muito” e “confia”, 31,9%. Dos entrevistados, 68,4% “confiam pouco” ou “não confiam” na Polícia Militar e 29,4% afirmaram não ver policiais militares na sua vizinhança ou proximidades. Estes resultados são apenas alguns exemplos das frequências obtidas pela coleta de dados para compor o constructo Desordem Social.

Estudos no Brasil vêm demonstrando que a baixa confiança e a avaliação negativa das instituições policiais podem interferir no fortalecimento do controle social informal de uma comunidade (SILVA, 2012; OLIVEIRA e BEATO FILHO (2013)). Hunter (1985) também observou os mesmos resultados em seus estudos. Wilson e Kelling (1982), na teoria Broken Windows, defendem que a relação mantida pelos policiais com a comunidade na construção e definição do que seja considerado ‘ordem’ ou ‘desordem’ é elemento primordial no fortalecimento do controle informal e, conseqüentemente, na estabilidade do bairro.

Medo e Percepção de Risco: conceituação e mensuração

Esta seção tem como objetivo apresentar os dados relativos às variáveis consideradas dependentes para efeito de análise estatística. Ou seja, o Medo e a Percepção de Risco em relação às violências intencionais e à criminalidade no contexto do estudo.

Frattari (2013) destaca que estudos sobre o medo do crime no Brasil existem, mas ainda não se consolidaram como um campo de pesquisa sociológico, até pelo fato de não serem muitos. A escassez e indefinição como campo de pesquisa podem ser observadas em trabalhos que tiveram o objetivo de realizar um balanço do que foi produzido sobre criminalidade e violência urbana no Brasil (KANT DE LIMA, MISSE e MIRANDA, 2000; ADORNO e BARREIRA, 2010).

Como é possível observar, Medo e Percepção de Risco são debatidos aqui como constructos separados. A opção em diferenciar Medo da Percepção de Risco, além de ter sido teórica também se mostrou sensata após a análise fatorial e extração dos componentes principais para mensurar e validar os constructos com as variáveis selecionadas no banco de dados proveniente do *survey* realizado.

Quanto à distinção defendida aqui entre Medo e Percepção de Risco, Rountree e Land (1996) encontraram evidências em suas pesquisas de que são dois fenômenos que se diferenciam, embora, possam estar relacionados, principalmente com variáveis explicativas comuns, como gênero e exposição num ambiente. Medo do crime refere-se às reações emocionais negativas que os indivíduos têm em relação ao crime e à violência. Já a Percepção de Risco está vinculada aos processos cognitivos, de conhecimento e de percepção da possibilidade de se tornar vítima.

Ferraro e LaGrange (1987) afirmam que o medo do crime varia da percepção cognitiva até às reações emocionais diante da possibilidade das pessoas se tornarem vítima de crimes. Rountree e Land (1996) declaram que estudiosos que partem dessa definição apresentada por Ferraro e LaGrange não atentaram ou não optaram por separar em suas pesquisas, a dimensão da percepção cognitiva da reação emotiva negativa (medo).

LaGrange, Ferraro e Supanic (1992) num artigo sobre percepção de risco e medo do crime (em especial de roubo) em que examinam a influência do contexto sobre estas variáveis encontraram que as incivildades numa vizinhança foram mais fortemente relacionadas com a percepção de risco do que com o medo. Essa conclusão também foi observada neste estudo em tela. Além disso, constataram que a percepção de risco é um importante elemento para predizer o medo.

Silva e Beato Filho (2013), na construção do índice medo como variável dependente levam em consideração questões que indagavam se o entrevistado se mudaria algo em suas rotinas por causa do medo e da violência. Questões que estão na mesma direção também constam do índice Medo deste trabalho. Esta opção se deu também pela importância em dialogar com os resultados destes estudos no Brasil. Nem todas as perguntas que foram pensadas para compor o índice Medo permaneceram nos modelos estatístico após a verificação de validação dos dados.

Dentre algumas das variáveis utilizadas como indicadores de Medo pode-se observar que quando o assunto é andar nas ruas dos bairros onde residem, 43,6% não se sentem seguros durante o dia e 72,4% durante a noite. Já quanto ao sentimento de insegurança dentro de casa durante o dia, 17% estão inseguros. Dos entrevistados que falaram sobre o sentimento de segurança dentro de casa a noite, 28,8% declararam-se inseguros. Conclui-se que o lugar no qual o Medo se reduz é dentro da residência, durante o dia.

Em torno de 85% dos respondentes ao serem perguntados se evitam fazer algumas atividades, eventos ou situações, disseram “evitar chegar muito tarde em casa ou mudar de trajeto” (84,1%) e sair portando muito dinheiro ou objeto de valor (87,8%). Evitar receber pessoas estranhas foi a resposta de 69,7% dos entrevistados. Quanto a realizar alguma medida de segurança para as residências, 30,7% das pessoas declararam terem feito entre junho de 2011 e junho de 2012.

Um dado que chama atenção é que 75,9% das pessoas não deixam de conversar com seus vizinhos por causa do medo da violência. Ou seja, mesmo com medo ainda há possibilidade de que relações sociais sejam mantidas. Contudo, é considerar que “vizinho” para os entrevistados tem concepção restrita: 26,5% dizem que vizinhos são pessoas que moram ao lado de sua casa, 46,5% que são pessoas que moram na sua rua e 27% que são aqueles que moram no mesmo bairro.

Percepção de Risco é o segundo constructo dependente a ser investigado nos modelos estatísticos. As variáveis agregadas neste constructo se referem ao modo como os entrevistados identificam situações e eventos, ocorridos no bairro, considerados pela sociedade como atos transgressores ou crimes. Todas as questões que indicam Percepção de Risco têm o conteúdo atrelado a algum tipo de criminalidade e/ou ato de violência.

Percepção de Risco difere do constructo Medo que não faz referência direta ao conhecimento ou vivência com a criminalidade e a violência. Parte-se do pressuposto que se alguém vê, escuta ou tem informação sobre tipos de crimes específicos em seus bairros, a pessoa tem alterada a própria percepção cognitiva. Nesta direção, dos entrevistados, 62,4% afirmaram existir tiroteios em seu bairro residencial e 62,6% haver consumidores ou vendedores de drogas ilegais nas ruas do bairro. Quanto ao fato de ver pessoas andando com arma de fogo, que não fossem policiais ou seguranças, 46,8% afirmaram isso; 39,9% declararam haver em seus bairros pessoas se agredindo fisicamente nas ruas; 29,8% sabiam da existência de mulheres sendo agredidas por maridos ou por companheiros, assim como 13,7% disseram existir vítimas de violência sexual em seus respectivos locais de moradia. Dois percentuais se destacaram pela alta frequência. O primeiro, 70,6%, diz respeito à proporção de pessoas que manifestaram saber de pessoas sendo assaltadas em seus bairros. O segundo, 63,0%, é concernente à existência de pessoas sendo mortas por arma de fogo na área em que reside.

O quadro delineado no *survey* permite caracterizar a cidade de Feira de Santana como local de alta concentração de crimes, contra a pessoa e o patrimônio, e um população intensamente exposta

a riscos de vitimização. Isso, logicamente, está presente na conformação de sentimentos de insegurança, bem como aguça a percepção dos riscos presentes no contexto.

O Medo e a Percepção de Risco entendidos pela Desordem Física e Desordem Social segunda a Broken Windows

De acordo com os resultados encontrados nos modelos de equações estruturais pode-se afirmar que as categorias de investigação Desordem Social e Desordem Física são importantes para se examinar o Medo e a Percepção de Risco em Feira de Santana. Isto é diferente do que se esperava encontrar na hipótese inicial.

De acordo com a tabela 1 a Desordem Física e Desordem Social, conceitos da teoria das Janelas Quebradas, estão associadas ao “Medo” e a “Percepção de Risco” em Feira de Santana/BA.

Tabela 1 – Influências da teoria das Janelas Quebradas sobre o Medo e Percepção de Risco (Equações estruturais)

Endógenas	Exógenas	B	E.P.(β)	Valor-p	I.C.-95%	R2
Percepção de Risco	Desordem física	0,098	0,034	0,005*	[0,024; 0,169]	34,3%
	Desordem social	0,574	0,034	0,000*	[0,527; 0,632]	
Medo	Desordem física	0,110	0,042	0,008*	[0,034; 0,186]	6,7%
	Desordem social	0,229	0,042	0,000*	[0,174; 0,308]	

GoF = 32,5% * Significativo ao nível de confiança de 99%

Fonte: Survey Experiências e Percepções sobre Violência, Criminalidade e Segurança Pública em Feira de Santana/Ba - GPECS/UFRB 2012

A significância de todas as relações da tabela 1 é de 99% de Confiança. Tanto a Desordem Social quanto a Desordem Física estão associadas significativamente e positivamente ao Medo e Percepção de Risco. Ou seja, à medida que há o aumento numa unidade da medida de Desordem Social e Desordem Física, há também o aumento na média do valor esperado do Medo e da Percepção de Risco. Contudo, a influência dos constructos Desordem Física e Desordem Social não se dá de forma homogênea sobre o Medo e a Percepção de Risco dos moradores. Por exemplo, a Desordem Social influencia em média mais a Percepção de Risco do que o Medo entre os feirenses.

A cada aumento de uma unidade na Desordem Física, espera-se um aumento de 0,098 na média da Percepção de Risco e aumento de 0,110 na média do constructo relativo ao Medo. Neste caso, pode-se dizer que a maior influência da Desordem Física ocorre sobre o Medo, embora a diferença seja muito pequena. ⁴

⁴ Todos os índices que representam cada constructo são variáveis padronizadas na média e pelo desvio. Apresentam a média geral 0 e o desvio padrão 1. Aumentar uma unidade é sair de 0 e ir para 1 ou sair de 1 e ir para 2. Quando se afirma, por exemplo: Já em relação à desordem social, a cada acréscimo de uma unidade desta (1 **desvio padrão**), presume-se um acréscimo 0,574 (0,574 **desvios padrões**), na média da percepção de risco.

Conforme já mencionado, as questões que foram agregadas para compor o constructo “Medo” têm aderência com sentimentos e emoções, referindo-se então a aspectos emotivos e sensitivos. Já a categorização da “Percepção de Risco” envolve aspectos cognitivos, referentes ao ato de perceber, saber e conhecer eventos considerados como transgressões, crimes ou atos agressivos em seus bairros.

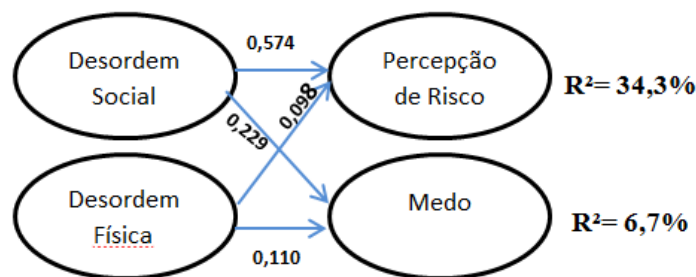
Segundo pesquisadores do enfoque Janelas Quebradas, quando há espaços físicos em uma comunidade que pareçam estar abandonados, dando impressão de que não há cuidado e vigilância, a probabilidade é que mais crimes ocorram e mais pessoas sintam medo, insegurança e percebam riscos no dia a dia.

Já em relação à Desordem Social, a cada acréscimo de uma unidade desta, presume-se um acréscimo 0,574 na média do constructo Percepção de Risco. Este é o maior coeficiente β registrado no modelo. Já o aumento de 0,229 em média ocorre na medida do “Medo” quando se acrescenta uma unidade na medida da Desordem Social.

O constructo Desordem Social está relacionado a variáveis que indicam incivildades e pequenos delitos nos bairros, examinando se existem, principalmente, abandono, falta de cuidado, vigilância e controle de crianças, jovens e adultos que se envolvem em situações consideradas desordeiras. Incivildades ou desordem social, assim como a desordem física, indicam abandono, esquecimento e falta de controle, fazendo com que crimes sejam cometidos já que não há quem cuide ou controle a desordem do bairro. Conforme visto na revisão de literatura, o Medo e a Percepção de Risco também sofrem a influência da Desordem social segundo a Teoria das Janelas Quebradas e estas hipóteses foram confirmadas na área urbana de Feira de Santana.

As informações sistematizadas na tabela 1 e no gráfico 2 afirmam a existência de associação significativa e positiva entre Desordem Física e Social e os constructos dependentes, o Medo e a Percepção de Risco. Em Feira de Santana, quanto maior a presença de pessoas vivendo ou dormindo nas ruas; crianças, adolescentes ou adultos se prostituindo nas ruas; pessoas jogando ou apostando dinheiro em jogos como jogo do bicho ou briga de galo; pessoas fazendo xixi, cocô, praticando atos obscenos nas ruas; indivíduos quebrando janelas, pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos; e a existência de grupos ou pessoas que brigam por conta do controle da rua ou espaços nos bairros, maior é o Medo e a Percepção de Risco relativos à vitimização por crimes e violências intencionais.

Gráfico 1- Representação dos resultados das hipóteses da teoria das Janelas Quebradas



Fonte: Survey Experiências e Percepções sobre Violência, Criminalidade e Segurança Pública em Feira de Santana/Ba - GPECS/UFRB 2012 - GoF = 32,5%

A variabilidade da Percepção de Risco na área urbana de Feira de Santana é explicada em 34,3% (R²)⁵ pela Desordem Social e pela Desordem Física juntas. Esta combinação é responsável pela variabilidade em 6,7% (R²) da variabilidade do Medo. Nesse sentido, conclui-se que a Teoria das Janelas Quebradas tem maior poder explicativo sobre a Percepção de Risco do que sobre o Medo, já que o percentual do R² apresentado é maior para a explicação da Percepção de Risco do que sobre o Medo.

Todos os intervalos de confiança, não tendo algum valor que passa pelo zero, demonstram que os resultados do β são válidos para toda a amostra e quaisquer outras amostras que possam ser retiradas da população pesquisada. Por exemplo, o valor do β da associação Desordem Social e Percepção de Risco é de 0,574, podendo variar em outra amostra da população entre os valores 0,527 a 0,632.

Considerações Finais

Os resultados encontrados no *survey* juntamente à exposição de alguns dados sobre violência e criminalidade provenientes de fontes secundárias, indicam a necessidade de que Feira de Santana pautem em sua agenda científica, diária e política informações qualificadas que visem dissertar e subsidiar a atuação sobre o Medo e a Percepção de Risco entre os moradores.

Algumas questões que foram empregadas nesta tese para mensurar Desordem Social e Desordem Física apontaram como e quais condições o Estado proporciona aos cidadãos feirenses para viverem o dia a dia nos bairros da cidade. Uma das conclusões deste trabalho é que essas condições dizem muito, em medidas diferentes, sobre o Medo e a Percepção de Risco em Feira de Santana. Os resultados do modelo de equações estruturais que investigou a influência da Teoria das Janelas Quebradas é que quanto maior a “Desordem Social encontrada, maior a Percepção de Risco

⁵ Para verificar a qualidade dos ajustes foram utilizados o R² e o GoF (AMATO, ESPOSITOVINZI e TENENHAUS 2004). O R² representa em uma escala de 0% a 100% o quanto os constructos independentes explicam os dependentes, sendo que quanto mais próximo de 100% melhor. Já o GoF é uma média geométrica da média das AVEs dos construtos e a média dos R² do modelo e também varia de 0% a 100%. Ainda não existe na literatura valores de corte para considerar um ajuste como bom ou ruim, mas sabe-se que quanto maior o valor melhor o ajuste.

e Medo. Em média, a Desordem Social e Física têm mais influência sobre a Percepção de Risco do que sobre o Medo, mas os dois constructos dependentes possuem associação significativa tanto com Desordem Social quanto com a Desordem Física.

Ressalta-se, segundo avaliação dos feirenses, algumas questões de Desordem Física, que aqui se enfatiza como indicativo do descaso ou não alcance do Estado no cotidiano da população: 58,7% afirmaram que a iluminação das ruas é regular, ruim ou não tem; os locais de esporte, cultura ou lazer nos bairros não existem para mais de 50% dos entrevistados; 71,9% disseram que a pavimentação e manutenção das ruas e calçadas são regulares, ruim ou não tem; 44,3% declararam que há em seus bairros locais que não se pode passar ou frequentar em algum horário; e 57% dizem sentir cheiros desagradáveis em seus bairros residenciais.

Também como elemento que contribui para apontar como é a presença, especialmente, do poder executivo na vida dos feirenses, têm-se as variáveis de Desordem Social empregadas neste estudo: 75,5% indicam que o policiamento a pé, em viatura ou moto é regular, ruim ou não tem; 69,5% e 64,4% declararam, respectivamente, que os serviços públicos de saúde e educação ofertados são regulares, ruins ou não tem; 57,3% reclamaram de ouvir ruídos, música alta ou gritaria nos bairros em que moram; 61,6% apontaram que no bairro residencial há pessoas que quando bebem arrumam problemas; 59,4% afirmaram haver pessoas que vendem produtos “proibidos”, como drogas ilícitas e remédios controlados; e 31,9% apontaram que há crianças e adolescentes se prostituindo em regiões próximas à sua moradia.

Os percentuais apresentados nos parágrafos anteriores sobre a Desordem Social e Desordem Física nos bairros da área urbana da cidade em questão fazem com que seja possível, mesmo que brevemente, para o leitor, vislumbrar como os feirenses, em sua maioria, vivem e sobrevivem. Diante desse quadro, não é difícil presumir porque -entre as teorias investigadas neste trabalho, contrariando as hipóteses iniciais- a teoria das Janelas Quebradas apresentou-se com maior poder explicativo para o Medo e Percepção de Risco.

Para examinar as variáveis dependentes na cidade de Feira de Santana, foi preciso olhar para esses dados buscando enxergar para além dos elementos conceituais e operacionais explícitos na *Broken Windows*, ou seja, que “Janelas Quebradas” aumentariam o crime, o medo, a insegurança e o risco apenas porque a permanência de crimes e desordens leves num local faz com que crimes e desordens cada vez mais graves venham ocorrer.

A teoria das Janelas Quebradas afirma que a ordem social e física possui papel fundamental na redução e prevenção da criminalidade, violência e afins. As janelas quebradas se tornaram o exemplo mais empregado para explicar como as desordens podem impactar nos níveis de violência, crime e insegurança. Se uma janela é quebrada e não é consertada, há o entendimento de que não há

quem cuide daquele espaço, portanto outras pessoas poderão perceber isso como possibilidade e cometer crimes mais graves naquele local. Há instalado então, um círculo vicioso.

Indaga-se aqui se a “desordem” na cidade de Feira de Santana como pressuposto apresentado pela *Broken Windows*, além de indicar que outros criminosos poderão visualizar como ambiente e oportunidade de cometer crimes, não apontaria sobre como o poder público e as autoridades constituídas atuam na defesa da qualidade de vida e do espaço público dos bairros na cidade em tela. Uma péssima iluminação das ruas ou crianças e adolescentes se prostituindo, além de indicar que criminosos poderão usar da situação para cometer mais crimes, não gerariam Medo e Percepção de Risco entre os moradores por estes entenderem que, dada sua condição de cidadania precária, que não há instituições que eles possam recorrer para se protegerem da violência e criminalidade?

Neste sentido, a Desordem Física e Social, além de apontar possibilidade de ocorrência de crimes e violência, podem ser empregadas como indicadoras da falta de instituições estatais que promovam e garantam os direitos dos cidadãos à uma cidade segura e pacífica. A não iluminação das ruas, a prostituição infantil⁷¹, pessoas dormindo nas ruas, precária coleta de lixo ou ruas sem calçamento não faria com que os cidadãos se sentissem desprovidos de qualquer proteção ou acesso a meios e instituições em que possam barganhar proteção às suas vidas e aos seus bens? Se como cidadão ele percebe que o Estado não consegue cuidar das ruas, do lixo, da iluminação, das crianças, por que este mesmo cidadão acreditaria que este mesmo Estado seria capaz de cuidar e proteger sua vida e seus bens? Concluir então que a Percepção de Risco e o Medo tendem a aumentar nesse contexto é totalmente plausível. No que se refere ao Medo e à Percepção de Risco, acredita-se que, diante dos percentuais elevados de Desordem Social e Física em Feira de Santana esta interpretação seja mais sensata do que apenas que os ambientes desordenados socialmente e fisicamente sejam ótimas oportunidades para criminosos.

Além da ideia de que não há quem cuide do espaço deteriorado ou desordenado, Desordem Social e Física, podem ser indicativos que a pessoas residentes neste espaço percebem não ter e não têm acesso às instituições e serviços que podem ser acionados caso as mesmas precisem de proteção. Dessa maneira, há maior possibilidade de que o Medo e a Percepção de Risco tenham níveis maiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S.; BARREIRA, C. A Violência na sociedade brasileira. In: MARTINA, C. B.; MARTINS, H. H. T. de S. (Org.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Barcarolla, v. 1, p. 303-374, 2010.

FERRARO, Kenneth F.; GRANGE, Randy L. The measurement of fear of crime. **Sociological inquiry**, v. 57, n. 1, p. 70-97, 1987.

FRATTARI, N. **As Configurações Sociais do Medo do Crime na cidade de Goiânia**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, 2013.

GAROFALO, James; LAUB, John. The fear of crime: Broadening our perspective. **Victimology**, v. 3, n. 3-4, p. 242-253, 1978.

HUNTER, A. J. Private, Parochial and Public Social Orders: the problem of crime and incivility in Urban Communities. In: SUTTLES, G. D.; ZALD, M. N. (eds.). **The Challenge of Social Control: Citizenship and Institution Building in Modern Society**. Norwood, NJ: Ablex Publishing, p. 230-242, 1985.

KANT DELIMA, Roberto; MISSE, Michel; MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Violência, Criminalidade, Segurança Pública e Justiça Criminal no Brasil: Uma Bibliografia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB**. Rio de Janeiro: ANPOCS, n. 50, p. 45-123, 2000.

KELLING, George L. **Crime Control, the Police, and the Culture Wars: Broken Windows and Cultural Pluralism**. Washington, DC : National Criminal Justice Reference Service, p.1-29, 1997.

LAGRANGE, Randy L.; FERRARO, Kenneth F.; SUPANCIC, Michael. Perceived risk and fear of crime: Role of social and physical incivilities. **Journal of research in crime and delinquency**, v. 29, n. 3, p. 311-334, 1992.

LAGRANGE, Randy L.; FERRARO, Kenneth F.; SUPANCIC, Michael. Perceived risk and fear of crime: Role of social and physical incivilities. **Journal of research in crime and delinquency**, v. 29, n. 3, p. 311-334, 1992.

OLIVEIRA, V. C. de; BEATO FILHO, C.C. Eficácia ou Falácia? Uma análise da associação entre eficácia coletiva e vitimização no Brasil. **XVI Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2013, Salvador/BA.

ROUNTREE, Pamela Wilcox; LAND, Kenneth C. Burglary victimization, perceptions of crime risk, and routine activities: A multilevel analysis across Seattle neighborhoods and census tracts. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 33, n. 2, p. 147-180, 1996.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves. **Desorganização, oportunidade e crime: uma análise “ecológica” dos homicídios em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves; BEATO FILHO, Claudio Chaves. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 30, sup., p.155-170, 2013.

SKOGAN, Wesley G. **Disorder and decline: Crime and the spiral of decay in American neighborhoods**. New York: Free Press, 1990.

SKOGAN, Wesley G. Disorder and crime. **The Oxford handbook of crime prevention**, Oxford: Oxford University Press. p. 173-188, 2012.

TAYLOR, Ralph B. The incivilities thesis: Theory, measurement, and policy. **Measuring what matters**, Washington, DC: National Institute of Justice p. 65-88, 1999.

WILSON, J. Q. **Thinking About Crime**. New York: Basic Books. 1975.

WILSON, James Q.; KELLING, George L. Broken windows. **Atlantic monthly**, v. 249, n. 3, p. 29-38, 1982.